
Corpografia interseccional: uma proposta metodológica para análise das diferentes experiências urbanas¹

Jonara Cordova²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Resumo

Este trabalho aborda uma proposta metodológica para analisar a mediação interseccional (Crenshaw, 2013; Akotirene, 2019) na ocupação dos espaços públicos, considerando disputas, alianças e negociações. Tal proposta utiliza como inspiração a cartografia (Rolnik, 2006), a corpografia (Britto e Jacques, 2008) e a roleta interseccional (Carrera, 2021). Assim, a partir de tal metodologia, torna-se possível realizar um mapeamento dos atravessamentos interseccionais bem como das táticas de resistência e re-existência às diversas formas de injustiça social.

Palavras-chave: interseccionalidade; corpografia; cartografia; roleta interseccional; culturas urbanas.

Elaborando a corpografia interseccional

O que os espaços e os seus usos têm a nos dizer sobre as dinâmicas de disputas, alianças e vivências nas cidades? Milton Santos, Bertha Becker e outros (2006, p. 171), afirmam que os espaços são formados pelos seus usos no cotidiano, sendo indissociáveis dos processos sociais “[...] pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros”. Portanto, para compreender o território urbano é necessário considerar a cidade praticada em contraponto à cidade planejada.

Assim como a formação dos espaços depende das suas diferentes práticas, os sujeitos também são formados pelos territórios que ocupam (e que não ocupam). Muniz Sodré (2002) compreende que o comportamento humano está intimamente relacionado com o seu contexto territorial. E não apenas isso, o sociólogo relaciona o território à construção identitária e ao reconhecimento da condição de humanidade de si por outros.

Vivenciar os espaços urbanos não é, nem nunca foi, um processo dado como garantido e unificado. É preciso tomar como ponto de partida que diferentes sujeitos, com distintos corpos, identidades, culturas e condições sociais, possuem diferentes experiências nas cidades.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Técnicas e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no PPG em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em Porto Alegre/RS, Brasil. Email: jonarappg@gmail.com.

Levando em conta o estudo de fenômenos citadinos, os detalhes da vida urbana são o destaque, considerando a efemeridade e a complexidade social dos espaços cotidianos (Barroso, 2022). Portanto, a cartografia (Rolnik, 2006) pode ser utilizada como inspiração metodológica, por tratar-se de uma abordagem teórico-metodológica que se distingue ao privilegiar narrativas marginais e menos convencionais.

A dimensão corpórea também é fundamental para a compreensão destes fluxos. Principalmente a partir do entendimento de que o corpo vai além da sua materialidade, incorporando dimensões imateriais como memória, desejo e subjetividade, o que o torna um elemento central na análise dos fenômenos sociais (Barroso, 2022).

Deste modo a relação entre a cartografia e as corporalidades pode ser encontrada na noção de “corpografia”, proposta por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques (2008, p. 80) como “cartografias da vida urbana inscritas no corpo do próprio habitante”, levando em conta que os corpos traçam percursos, se movimentam e experienciam os locais deixando marcas na cidade.

Para compreender essas distintas experiências corpóreas no espaço urbano central, é necessário refletir sobre o viés interseccional como ferramenta metodológica. Portanto, identifico a interseccionalidade (Crenshaw, 2013; Akotirene, 2019) como uma ferramenta ancestral que pode contribuir com o entendimento deste jogo de acessos e exclusões, assim como as formas de re-existência³ (Albán Achinte, 2009).

A noção de roleta interseccional, elaborada por Fernanda Carrera (2021), é uma abordagem teórico-metodológica voltada para a análise das diversas formas de opressão que se manifestam nas interações diárias, nos meios de comunicação e nos discursos, evidenciando como a comunicação é estruturada por dinâmicas interseccionais (Carrera, 2021). A pesquisadora utiliza a metáfora da roleta, na qual cada marcador social é representado por uma cor, como forma de identificação do elemento subalternizado a partir do cruzamento entre diferentes avenidas de opressão.

Levando em conta as inspirações na cartografia (Rolnik, 2006), na corpografia (Britto e Jacques, 2008) e na roleta interseccional (Carrera, 2021), surge a noção de corpografia interseccional (Cordova, 2025) como caminho metodológico para investigações que relacionem a vivência urbana com a mediação interseccional. A

³Conceito elaborado pelo antropólogo Adolfo Albán Achinte (2009), que aborda a continuidade da existência cotidiana a partir de pequenas práticas de persistência em determinados modos de vida e de sentir, agir e pensar na contramão de lógicas hegemônicas.

corpografia interseccional foi proposta, pela primeira vez, em uma pesquisa em que trabalhei com a observação participante em uma festa de rua realizada por e para sujeitos LGBTQIA+, a partir do corpo como elemento central, que no contexto da festa é atravessado pelos seguintes eixos de análise: a) Espacialidades; b) Coletividades; c) Sonoridades; d) Virtualidades.

Por meio da metodologia, é possível identificar que os sujeitos não ficam inertes em relação às injustiças e desigualdades. Pelo contrário, agem por meio de táticas de resistência e re-existência e pela formação de alianças, que os fortalecem a partir do sentido de pertença. A partir disso, disputam espaços urbanos, fazem negociações e configuram sociabilidades, promovendo o direito à cidade e articulando-se contra opressões diversas.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALBÁN ACHINTE, Adolfo. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianas: Entre las memorias y cosmovisiones estéticas de la resistencia. In: MIGNOLO, W. e PALERMO, Z. **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. Buenos Aires. Ediciones del Signo, 2009. p. 53-75.
- BARROSO, Flávia Magalhães. **O que falam as festas: éticas e estéticas das coabitações noturnas no centro do Rio de Janeiro**. Orientadora: Cíntia Sanmartín Fernandes. 2022. 373 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, Salvador, v.7, n. 2, 79-86, 2008.
- CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. In: **E-Compós**. [S. l.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2198. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- CORDOVA, Jonara. “INTERSECCIONAL(C)IDADE”: O corpo no centro da festa de rua de música eletrônica. Novos Olhares Sociais - Dossiê: Festas e Culturas Urbanas, v. 8, n. 1. 2025. No prelo.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. In: Feminist legal theories. Routledge, 2013. p. 23-51.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SANTOS, Milton; BECKER, Bertha. **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: D&P, p. 283-312, 2006.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade:** a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.